

VISÃO DO CORREIO

COP da Desertificação também deixa a desejar

Fora dos holofotes, a Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação (UNCCD) acaba de ser concluída na Mongólia com um desfecho similar ao das últimas edições da cor-relata mais famosa, a COP do Clima. Líderes reunidos em Ulaanbaatar não conseguiram chegar a um acordo que viabilize um mecanismo global de combate à seca, eviden-ciando, mais uma vez, a crise profunda pe-la qual passa o multilateralismo. Ainda que não faltem dados científicos e extremos cli-máticos que demonstrem a gravidade da questão, prevaleceram entraves já conhe-cidos, como a oferta limitada de financia-mento e a oposição ativa dos Estados Uni-dos às políticas verdes.

Secretária executiva da UNCCD, Yasmí-ne Fouad verbalizou o caminho a ser segui-do no início da convenção: “À medida que a seca se intensifica e a degradação da terra se acelera, a conferência deve impulsionar soluções práticas e viáveis — desde a res-tauração de terras e solos degradados até o fortalecimento da relação entre terra e água — para que as comunidades possam pros-perar”. Ao que parece, o roteiro ficou para a próxima edição da cúpula: em 2028, no Egí-to, que já defendeu a adoção internacional de acordo legais obrigatórios, pondo fim à dinâmica de compromissos voluntários.

Não há outra saída. Estima-se que cerca de 40% das terras do mundo estão degrada-das e, dessa forma, mais vulneráveis à deser-tificação. Dados das Nações Unidas indicam que, desde 2000, a frequência e a duração das secas aumentaram 29% em todo o pla-neta. Em um relatório mais detalhado sobre os efeitos do fenômeno entre 2023 e 2025, a organização internacional mostrou que nin-guém está a salvo: 90 milhões de pessoas no leste e sul da África enfrentaram fome aguda em razão da pior seca já registrada; níveis re-cordes de baixa dos rios em 2023 e 2024 na Bacia Amazônica levaram à morte em massa de peixes e botos ameaçados de extinção; no mesmo período, os níveis de água no Canal

do Panamá caíram tanto que as travessias foram reduzidas em mais de um terço; e a escassez de água afetou agricultura, turis-mo e abastecimento doméstico em países da Europa, como a Espanha.

O relatório alertou, ainda, que o cus-to econômico de um episódio de seca é atualmente duas vezes maior do que era em 2000, com um aumento projetado pe-la OCDE de 35% a 110% até 2035. Também lembrou que o El Niño 2023-2024 agravou os efeitos dos extremos climáticos para muitas sociedades e ecossistemas vulne-ráveis. Então secretário da UNCCD, Ibrah-im Thiaw ressaltou, à época, que a seca não era mais uma ameaça distante. Ao contrá-rio: “Uma assassina silenciosa que se ins-tala sorrateiramente, consome recursos e devasta vidas em câmera lenta.”

Nada adiantou. Mesmo tendo sobre a mesa de negociação o extenso compilado de dados da UNCCD, a expectativa de que o El Niño 2026-2027 seja o pior dos últimos 50 anos e a pressão da sociedade civil orga-nizada, os delegados em Ulaanbaatar não ti-raram do papel estratégias robustas de com-bate à desertificação. A diplomacia climá-tica segue desfalecida. E recebeu novo baque em seguida: o reconhecimento inédito feito pela ONU de que a meta do Acordo de Paris não será cumprida.

Há de se ressaltar que o Brasil protago-nizou um dos poucos pontos positivos na Convenção da Desertificação ao apresen-tar nova meta voluntária de Neutralidade da Degradação da Terra (NDT). O compro-misso é de cobrir 3,67 milhões de quilôme-tros quadrados com medidas de recupera-ção ou restauração (163 mil) e de preven-ção, conservação e manejo sustentável (3,5 milhões) até 2030. Anfitrião da biodiversi-dade e com quase 40 milhões de pessoas vivendo em áreas suscetíveis à desertifica-ção, o país tem a obrigação de executar o prometido e seguir trabalhando pela rup-tura da inércia diplomática que ameaça a sobrevivência do planeta.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Soberania

O Brasil, antes da proclamação de sua independência, foi submisso e explorado comercialmente pelos seus colo-nizadores, em especial por Portugal e pela Inglaterra. Não pode, agora e nem em tempo algum, retroceder e aceitar a ingerência de quem quer que seja nos assuntos internos do país. As relações diplomáticas e comerciais do Brasil com o resto do mundo precisam continuar sendo pautadas pe-los princípios do respeito à soberania, do interesse recípro-co e das regras do multilateralismo; nunca pela imposição unilateral de quem se arvora no direito de ser o imperador do planeta. Viva o 7 de Setembro! Viva o Brasil, livre e so-berano!

» José Leite Coutinho

Sudoeste

Independência

O movimento verde e amarelo mostrou forças na capi-tal federal, em dois logradouros públicos — no Eixão Sul e na Torre de TV — e em cidades Brasil afora, sendo as mais movimentadas em participações populares no Rio e em São Paulo. Enquanto isso, as crises se aprofundam no seio dos Três Poderes, com novas movimentações no STF so-bre a expectativa da data do posicionamento, em Plenário, a ser marcada pelo presidente da Corte. Só podemos afir-mar que nosso país atravessa diversas crises: nos campos da ética, social, econômica, aumentos de preços, inflação crescente e o maior/pior índice nacional de inadimplên-cia. Finalmente, fica essa reflexão: quem paga o imposto mais alto e absurdo é aquele cidadão que ganha menos; es-te, sim, sente diariamente o terror da carência, em sua mesa, ao lado da família. Que Deus ilumine nossa verdadeira independência neste histórico 7 de Setembro e nos tem-pos que virão!

» Antônio Carlos Sampaio Machado
Águas Claras

Realidade

“Democracia, soberania e união” foi o dístico do desfile do Dia da Pátria na Esplanada dos Ministérios. O que real-mente significam essas três palavras na atualidade: demo-cracia única no mundo a manter presos e exilados políticos e um inquérito infundável e sem objeto definido, que pode ser acionado contra qualquer cidadão ao talante da autori-dade que o maneja; soberania que entrega o agro, a gera-ção de energia, portos, minas de urânio a uma única potên-cia econômica; união que incita pobres contra ricos, pretos contra brancos e que estimula a eliminação física de oposi-tores. Essa é a realidade dessa democracia que oprime, des-sa soberania que se verga e dessa união que cinde.

» Roberto Doglia Azambuja
Asa Sul

Faculdades libertadoras?

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do opri-mido é ser o opressor.” Essa frase de Paulo Freire mostra o lado mais perverso da desigualdade: quando a vítima aprende e aceita as regras de quem a domina. Quando a escola foca apenas em obedecer ordens e repetir regras, ela perde o seu sentido. Em *Pedagogia do oprimido*, Freire

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || 3214-1157

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Não é uma boa notícia que o Minha Casa, Minha Vida domina o mercado e supera imóveis de médio padrão. Significa que a população está com poder de compra menor e sendo obrigada a financiar imóveis de baixa qualidade.

Carlos Felipe — Brasília

Se as pessoas estão conseguindo comprar casa própria, é de se comemorar. Mas é importante também que o que está sendo construído combine com outras necessidades das pessoas: sem desmatar áreas verdes, sem piorar o trânsito, com escolas e unidades de saúde próximas. É um combo!

Marlon Barros — Cruzeiro

Caso Master e Dark Horse: justiça seletiva até quando? Se nada for feito pelos outros ministros do STF, o silêncio vira consentimento.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

avisa que, sem pensamento crítico, as pessoas acham que ter sucesso é agir como o opressor. A vontade de subir na vida vira vontade de mandar: o trabalhador explorado quer ser o patrão cruel, e quem sofreu preconceito passa a dis-criminar os outros. Os papéis mudam, mas a injustiça conti-nua a mesma. A verdadeira libertação não é mudar de la-do, mas acabar com a dominação. Uma educação liber-tadora não ensina a subir pisando nos outros, mas, sim, a construir um mundo sem oprimidos. No fim, fica a pergun-ta: as faculdades hoje preparam os professores para liber-tar os alunos ou continuam ensinando o modelo antigo?

» Gilberto Pereira Tiriba
Santos (SP)

Poder imperial

Mais uma vez, os Estados Unidos deixam claro que eles vêm sempre em primeiro lugar. Em segundo, terceiro, quarto e assim por diante, eles também. Logo após anunciarem um “acordo” que lhe garante controle majoritário sobre mais de 65 bilhões de barris das reservas de petróleo da Venezuela, Washington voltou a atacar o Irã. Depois de uma pausa ini-ciada no fim de julho, os EUA retomaram a ofensiva em 30 de agosto, atingindo alvos iranianos na região do Estreito de Or-muz. E dane-se quem depende desse petróleo: antes da guer-ra, cerca de 20% do petróleo mundial passava por Ormuz. Qualquer escalada na região ameaça o abastecimento e po-de afetar o mundo inteiro — agora, menos os Estados Unidos.

» Marcus Aurelio de Carvalho
São Paulo

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS* SEG a DOM R\$ 1.187,88 360 EDIÇÕES (promocional)
Localidade	SEG/SÁB	DOM	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Re-dação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D.A

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1588.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br